



Conceição Freitas - 22-5-08

## Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // [conceicao.freitas@correioweb.com.br](mailto:conceicao.freitas@correioweb.com.br) (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

# FINALMENTE, IGUAL ÀS OUTRAS

Muita água correu nos dezembros, muita poeira subiu nos agostos e Brasília finalmente se transformou numa cidade como outra qualquer. Foi incansável a luta dos que queriam que assim fosse, dos que achavam que tombamento é idéia de veado (ops!) ou de intelectual, acadêmico, poeta ou cronista que vive

no mundo dos sonhos e não sabe que é preciso transformar todas as cidades numa só: superposição de viadutos cercados de arranha-céus e condomínios luxuosos. Favelas ao largo.

O Eixo Monumental resistiu o quanto pôde, coitado, mas se transformou numa Avenida Paulista. Ah, orgulhavam-se os brasilienses do ano de 2100, prestes a sufocar com a secura dos agostos. Caixotes de concreto empinavam-se, a exemplo daquele ao lado da Torre de Tevê, e quebravam a escala de Lucio Costa que deu o tamanho e o lugar certo aos prédios para que o horizonte fosse preservado e para que fosse assegurado à cidade o caráter de capital de um país.

O Parque Burle Marx tinha sido engolido pelo Setor Noroeste, mais um amontoado de prédios grudados uns nos outros, todos eles envergando, no cume, luxuosas coberturas. O verde, então, tinha passado a ser privilégio do 7º andar, do 8º, do 25º. Igualzinha às outras.

Depois de dezenas de dezembros de chuva e agostos de poeira, as superquadras finalmente haviam se transformado em condomínios fechados. Os pilotis eram só a vaga lembrança de uma utopia de área ao mesmo tempo pública e privada, de livre acesso e aberta para as crianças, os vizinhos, os pedestres, a vida comunitária. Agora, no ano dois mil centô e lá

vai pancada, todas eram cidadelas das quais ninguém entrava ou saía sem ser identificado, filmado, fotografado e interrogado.

O melhor tudo era o Lago Paranoá. Toda a margem tinha se transformado numa imensa galeria de hotéis e flats. Ninguém podia chegar perto sem que fosse hóspede ou convidado ou morador das casas. O lago era das lanchas e dos barcos. O Batalhão Lacustre não sabia mais como ordenar o congestionamento de embarcações sobre o leito do lago. Eram tantos que a certa hora ficavam todos parados, igualzinho no asfalto.

Bobagem se preocupar. Brasília tinha finalmente se transformado em

tudo o que muitos queriam — os mais poderosos principalmente: uma cidade sem data, sem história, sem dono. Terra de ninguém.

Da última vez que tive notícias de Brasília, tinham pintado o Alvorada de vermelho para combinar com o prédio ao lado, o Palácio do Planalto e o STF estavam protegidos por uma muralha, o espelho d'água do Itamaraty já não existia mais (dava muito trabalho). De tanto esperar pela reforma, a Catedral tinha sido fechada. O Teatro Nacional, *idem*. E a Rodoferroviária, lembram dela?, continuava a mesma, só que bem piorada, se é que é possível imaginar algo assim.